# Uma introdução brasileira à antropologia

MARIZA G. S. PEIRANO

A maior promessa de *Relativizando,* * de Roberto da Matta, é a de que a antropologia social no Brasil está adquirindo uma perspectiva própria. Temos aqui não só uma introdução, mas um depoimento-testemunho do que é ser um antropólogo social e, especialmente, um antropólogo social brasileiro.

Esta não é a primeira vez que se escrevem "Introduções" no cenário das ciências sociais no Brasil, embora, é verdade, tenha havido um hiato de algumas dezenas de anos desde que, nos anos quarenta, uma quantidade considerável de textos introdutórios foram publicados. Estes trabalhos — entre eles os *Princípios de Sociologia* de Fernando de Azevedo, o *Teoria e Pesquisa em Sociologia* de Donald Pierson, o *Sociologia* de Gilberto Freyre, o *Dicionário de Etnologia e Sociologia* de Herbert Balduz e Emílio Willems [1] — visavam, antes de tudo, uma sistematização dos conhecimentos sociológicos então atingidos e destinavam-se à formação teórica dos alunos de escolas superiores e de escolas normais.

Embora uma "Introdução", a perspectiva de *Relativizando* é totalmente outra. Roberto da Matta inicia o livro avisando o leitor que ele não encontrará um típico manual de antropologia, "daqueles que começam com a história e terminam com o corpo de conceitos da disciplina apresentados numa ordem canônica" (Matta, 1981a:11). *Relativi-*

* MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à antropologia social.* Petrópolis, Vozes, 1981.

1 Ver Fernandes, 1957, para uma lista bastante completa das publicações da época.

*zando* deve ser entendido mais como "uma perspectiva e um ponto de vista daquilo que, a meu ver, constitui o coração ou — se quiserem — a alma, da disciplina que chamamos Antropologia Social" (ibid:11). No final do Prefácio, quando Roberto da Matta confessa o caráter inacabado do livro, mas que o publica como uma perspectiva da matéria que, no seu caso particular, "constitui-se numa das mais fortes razões de viver" (ibid:25), o leitor já tem à sua frente muito do que peculiariza *Relativizando* — o tom sedutor com que Roberto da Matta envolve o leitor; o caráter pessoal que o autor imprime a seus relatos; o tom confessionário com que fala de suas perplexidades. Em certo sentido, mais que uma "Introdução", *Relativizando* parece ser um exercício de auto-reflexão de Roberto da Matta, um contar a si próprio, um prestar contas, do que representa a antropologia no mundo de hoje e o porque desta opção. Neste sentido, o público do livro, imaginado como leigo, é o melhor interlocutor para este exercício.

*

O livro é dividido em três partes: a primeira mostra a antropologia no quadro mais geral das ciências sociais; a segunda, a relação entre antropologia e história; e a terceira fala do trabalho de campo do antropólogo. A aparente estruturação de um perfeito manual é salpicada por uma "digressão" (A Fábula das Três Raças ou o Racismo à Brasileira) e um "epílogo", a história de duas pesquisas com uma "Introdução Meio-Biográfica". Além disso, as três partes só aparentemente tratam de aspectos distintos do que é fazer antropologia. Na verdade, tudo gira em torno de uma postura básica, que Roberto da Matta propõe como sendo o princípio, meio e fim da antropologia — o exercício de relativizar.

Relativizar implica, segundo o autor, numa atitude positiva e valorativa, nada tendo, portanto, a ver com uma ideologia substantiva do universo social humano, segundo a qual tudo é variável e tudo é válido. No decorrer do livro, nem sempre é fácil a Roberto da Matta fugir desta ideologia. Mas o que ele enfatiza é a necessidade de se entender honestamente o exótico, o distante e o diferente, ou "o outro", e, assim fazendo, tanto enxergar nossa humanidade neste "outro", como o "outro" dentro de nós mesmos. Esta, em última análise, o centro da motivação ideológica da antropologia.

Assumindo o papel pouco ortodoxo de quem procura conversar, ensinar e convencer ao mesmo tempo, Roberto da Matta, constrói a primeira parte do livro com uma abundância de situações que mostram que esta combinação é possível.

*

Relativizar distingue as ciências naturais das ciências sociais, nos diz R. da Matta, já que só as últimas podem adotar esta perspectiva. Dentro dos diversos ramos da antropologia — ou antropologias, no plural —, por outro lado, relativiza-se diferentemente, obedecendo-se principalmente a uma escala de tempo que os diferencia em termos de "planos de consciência antropológica". Ele aqui fala da antropologia biológica, da arqueologia e da antropologia social e cultural. Junto a este ensinar antropologia, Roberto da Matta mostra e convence o leitor que o ato de relativizar é contrário a todos os tipos de determinismos que fizeram parte da tradição cientificista do século passado até o presente, e de suas ideologias correspondentes: racismos, positivismos, determinismos geográficos, ecologismos, biologismos, economicismos, etc. O caso do racismo dá margem a uma "digressão", em que Roberto da Matta compara o racismo "à brasileira" ao norte-americano, mostrando como ambos são realidades empíricas que sofrem recortes no nível da ideologia, recortes estes que são historicamente construídos e coerentes com as ideologias dominantes de cada uma dessas sociedades — hierárquicas, no caso brasileiro; individualista, no norte-americano.

A ênfase na dimensão temporal que se insinua na primeira parte do livro é mais amplamente desenvolvida na segunda, dedicada à Antropologia e História. Aqui, um leitor mais apressado poderá ver apenas uma avaliação da história da antropologia através de alguns autores paradigmáticos: Sir James Frazer, para falar do evolucionismo; Bronislaw Malinowski, para oferecer uma visão simpática e redimida do funcionalismo; Claude Lévi-Strauss, para mostrar como o estruturalismo pode reverter o problema da "história da antropologia" numa "antropologia da história". Na verdade, Roberto da Matta utiliza estes autores para, de outro ângulo, afirmar e reforçar sua perspectiva relativizadora. Não se trata, portanto, de uma história condensada da antropologia mas, sim, de ver como a perspectiva que adota cresceu e se desenvolveu historicamente dentro da disciplina.

É na seção sobre tempo e história que temos o ponto alto desta parte do livro. Roberto da Matta aí nos mostra que, da mesma forma que a antropologia já estabeleceu como culturas lidam e representam certos problemas fundamentais — como aqueles relativos à esfera produtiva, fisiológica, religiosa, etc. — de forma diferente, o mesmo pode ser estendido para a questão do tempo e da história: "Se todo grupamento humano permanente tem uma idéia e uma noção muito clara da duração do tempo em sua inevitável passagem, nem todas concebem o tempo do mesmo modo ou o tomam como uma 'categoria de entendimento', como uma ideologia que serve para expressar sua própria identidade" (ibid:119). Propondo uma "antropologia do tempo", indiretamente Roberto da Matta toca em aspecto de fundamental importância para a antropologia contemporânea quando antropólogos passam a estudar "sociedades complexas" para as quais a história é uma "categoria de entendimento". No entanto, mais que este aspecto, Roberto da Matta está interessado em mostrar como o tempo é conceptualizado em sociedades tribais através de uma lógica totêmica e como esta mesma lógica também está presente entre nós. Fica a promessa, contudo, de uma antropologia do tempo ainda mais relativizadora.

A terceira parte do livro trata da pesquisa de campo, traço distintivo e rito de passagem no aprendizado e no fazer antropologia. Aqui o autor mostra, em excelente texto, que para relativizar é preciso ter "anthropological blues" ou, em outras palavras, que o conhecimento antropológico não é um procedimento puramente intelectivo. A visão anticientificista do autor surge com toda força, quando ele mostra que as emoções e os sentimentos que o antropólogo experimenta na pesquisa de campo são parte integrante do processo de conhecimento antropológico: relativizar está sempre ligado a um distanciamento que transforma o exótico no familiar e/ou familiar em exótico.

Finaliza o livro um "Epílogo" em que, lado a lado a uma "meio-biografia" em que R. da Matta nos fala de sua formação acadêmica, ele reflete sobre duas pesquisas de campo com grupos tribais — a primeira entre os Gaviões do sul do Pará, parte do projeto sobre fricção interétnica dirigido por Roberto Cardoso de Oliveira; a segunda, entre os Apinayé do norte de Goiás, com a finalidade de comparar grupos Gê. O quadro teórico do segundo projeto foi o Harvard-Central Brazil Project, dirigido por David Maybu-

ry-Lewis. Aprendendo com os índios a proceder a relacionamentos e relativizações, conclui R. da Matta, ele desenvolveu uma visão da antropologia que, alguns anos depois, "conduziu-me irresistivelmente ao estudo da minha própria sociedade" (ibid:240).

*

Descrito por Luiz Felipe Baeta Neves como "saudavelmente inconcluso, parcial, fragmentário, voraz, apaixonado e sábio" (Baeta Neves, 1981), *Relativizando* encanta. *Relativizando* encanta pela sua franqueza e espontaneidade. Estas características não impedem que uma certa estrutura possa ser detectada, tão mais intrigante quanto menos aparente. Assim, gostaria de finalizar esta resenha com algumas perguntas e comentários.

Uma questão que o livro suscita é a do significado que pode ter o fato que, quando nas seções em que o objetivo fundamental do autor é ensinar antropologia, isto é, as seções mais didáticas, autores brasileiros estão praticamente ausentes (especialmente parte 1 e 2). O reverso da mesma questão é saber-se porque experiências genuinamente "brasileiras" são rotuladas de "Digressão" e "Epílogo". Na verdade, todo o livro tem o caráter de um depoimento pessoal e a separação entre autores estrangeiros e brasileiros chama a atenção.

Uma outra questão que se apresenta é a do lugar que ocupam, respectivamente, as categorias sociais do "negro" e do "índio" no livro. Um dos ensaios mais estimulantes, mencionado anteriormente, é o que trata da "Fábula das Três Raças, ou o Racismo à Brasileira". É interessante notar que o ensaio se detém basicamente na posição do negro na ideologia brasileira e norte-americana. No entanto, quando Roberto da Matta nos conta suas experiências de campo, são as pesquisas com grupos indígenas o principal foco de discussão. Ficamos, então, nos perguntando até que ponto a ideologia racial brasileira é, verdadeiramente, triangular e abrangente. O negro será tão "outro" ou tão "nós" quanto o índio? O leitor sente ainda a ausência de uma comparação entre as duas pesquisas de campo com grupos indígenas — uma gerada no Museu Nacional, a segunda em Harvard —, que muito contribuiria para o confronto de duas perspectivas teóricas em termos de seus contextos de ori-

gem. Ainda sobre pesquisa de campo, fica a pergunta: e as posteriores, sobre carnaval, sobre o rito brasileiro do "Você sabe com quem está falando?" (Roberto da Matta, 1979)? Não mereceriam também uma seção, exercícios que são na direção de relativizar?

Considero estas perguntas importantes na medida em que *Relativizando* está se tornando um marco do ensino da antropologia no Brasil. Com duas edições sucessivas em menos de um ano, o livro está inevitavelmente destinado a influenciar gerações de estudantes de ciências sociais. E, na mesma medida que Mauss nos ensinou que não há magia se não houver adeptos, é possível que *Relativizando* ajude a consolidação de uma "antropologia brasileira". Assim, as questões acima ultrapassam o próprio livro e se referem ao problema maior de se saber quem, afinal, é "o outro" para nós, antropólogos brasileiros. Na mesma linha de questionamento, qual a concepção que temos do que seja "a nossa sociedade". Em nível mais abstrato, fica a questão da possibilidade de se pensar em "tradições nacionais" na antropologia, geradas pelo confronto de proposições teóricas de caráter universal e problemas empíricos locais.

Mas é exatamente no momento em que colocamos estas questões que, inesperadamente, temos mais uma lição de antropologia ou de relativização. Para Roberto da Matta, a postura do conhecimento antropológico não deve se limitar à disciplina propriamente dita. Relativizar é uma forma de ver o mundo, de comparar, de aceitar a diversidade e, conseqüentemente, de romper o esquema familiar aos brasileiros, onde "cada coisa tem seu lugar". Neste sentido, é preciso admitir que relativizar é uma perspectiva que desafia a ideologia dominante que procura certezas e teme a diversidade. Aqui Roberto da Matta não pode seguir os passos de seu mestre e inspirador Louis Dumont, para quem as vocações de antropólogo e reformador devem ser mantidas separadas e distintas uma da outra (Dumont, 1970:18). Se relativizar, ou, nas palavras de Dumont, "pôr-se em perspectiva " é uma postura basicamente acadêmica nos centros europeus, no Brasil ela traduz uma atitude política que é contrária ao senso comum que partilhamos. Assim, do ponto de vista puramente acadêmico, relativizar se contrapõe a outras concepções da disciplina como "interpretação" (Geertz), "descrição" (Silverstein), "tradução mútua" (Lévi-Strauss), etc. Se levamos em conta o contexto em que as idéias se desenvolvem, no entanto, o relativizar de Roberto

da Matta assume o papel de uma visão de mundo, ocupando um espaço político definido.[2]

Se relativizar é uma visão de mundo, então estamos frente a um problema. Porque visões de mundo, sabemos todos, carregam em si a potencialidade da mudança e da revolução, mas também correm o perigo de se cristalizarem em dogma. É preciso, portanto, que o exemplo de Roberto da Matta prolifere. É preciso que outras visões do que seja fazer antropologia se multipliquem no Brasil. A meu ver, só assim, o livro relativizado, o seu caráter *sui generis* se manterá ao mesmo tempo que estará afastado o perigo que o ronda — o de paradoxalmente se transformar, graças ao seu enorme apelo e sucesso, em mais um manual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


BAETA NEVES, Luiz Felipe. Contra o mito do número um. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1981.

DUMONT, Louis. *Religion, politics and history in India*. Mouton, 1970.

FERNANDES, Florestan. Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil. *Anhembi* (parte II), 1957.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

———. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, Vozes, 1981a.

———. *Universo do carnaval: imagens e reflexões*. Edições Pinakotheke, 1981b.


2 Recentes publicações de Roberto da Matta mostram sua preocupação em atingir um público mais amplo e menos especializado. Ver, por exemplo, Da Matta, 1981b.